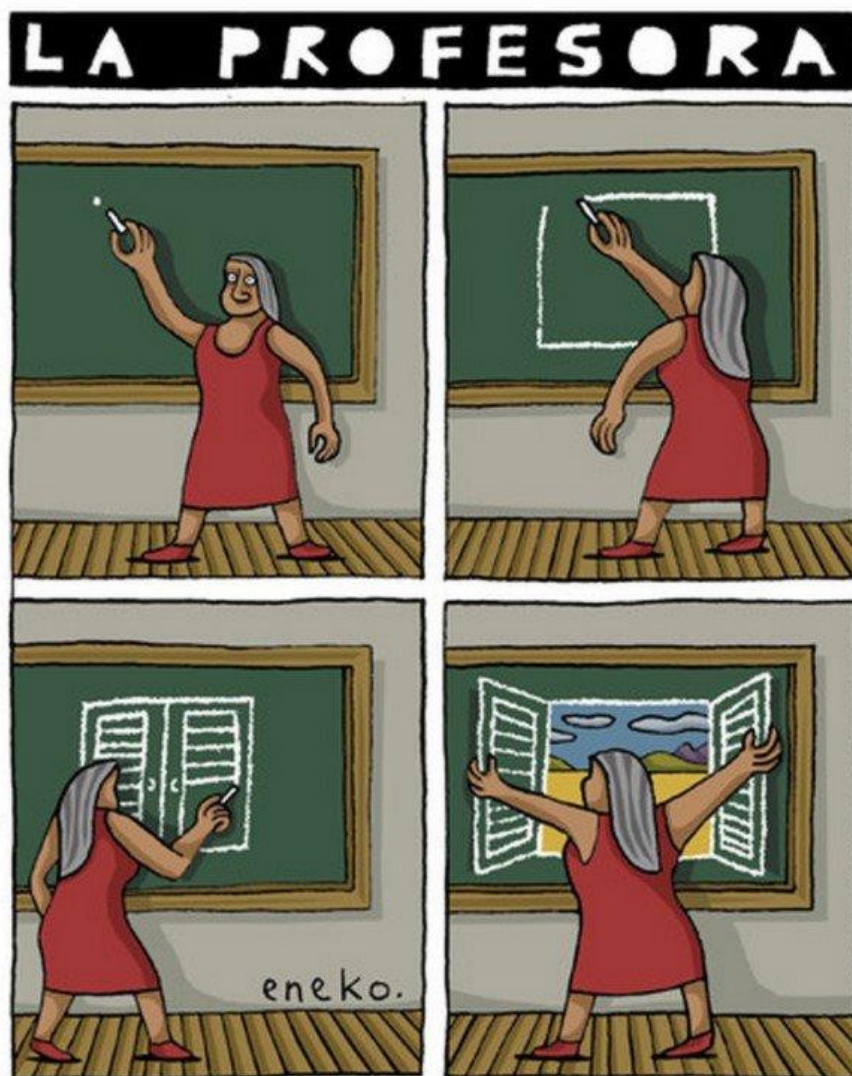


Luciana Resende Allain
Adriana Assis Ferreira
(organizadoras)

FORMAÇÃO DOCENTE E IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA



Fonte: https://projetoletrasearteshoracio2011.files.wordpress.com/2012/07/la_professora_eneko.jpg

1ª Edição

Diamantina
UFVJM
2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO
JEQUITINHONHA E MUCURI



Reitor Janir Alves Soares
Vice- Reitor Marcus Henrique Canuto

**Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências, Matemática e
Tecnologia (PPGECMaT)**

PROFESSORAS

Luciana Resende Allain
Adriana Assis Ferreira

MESTRANDOS(AS)

Altobely Guimarães
Ana D'Arc Mendes Felipe
Ângela Rita Teixeira
Caroline Miranda Barroso
Cláudia de Lourdes Seixas Cruz
Dayane Barbosa Mendes
Érica Regina do Carmo Reis
Gilberto Gilmar Pinheiro
Idener Luana Moura
Janaina Boldt de Oliveira
Leyde Izabel Fernandes Lemos Reis
Patrícia de Souza
Paulo Leandro Ramos
Sélvia Taciana Josiana Maciel de Paula Silva
Vanessa de Siqueira Camilo Costa

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores. Permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte. Editoração eletrônica e projeto gráfico/capa: Luciana Resende Allain e Adriana Assis Ferreira.

Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F724f Formação docente e identidade profissional de professores de ciências naturais e matemática [recurso eletrônico] / Organizado por Luciana Resende Allain e Adriana Assis Ferreira, 2020.
49 p.

ISBN: 978-65-87258-03-4.

1. Formação docente. 2. Identidade docente. 3. Educação em Ciências e Matemática. I. Allain, Luciana Resende. II. Ferreira, Adriana Assis. III. Título. IV. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

CDD 370

Ficha Catalográfica – Sistema de Bibliotecas/UFVJM
Bibliotecária: Jullyele Hubner Costa – CRB6/2972

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1	7
O MEMORIAL DE FORMAÇÃO E A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE	7
CAPÍTULO 2	10
REFERENCIAIS TEÓRICOS PARA O ESTUDO DA FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE	10
CAPÍTULO 3	17
REPRESENTAÇÕES DOS MESTRANDOS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE	17
CAPÍTULO 4	24
ANÁLISE DE UM MEMORIAL A PARTIR DOS MARCOS TEÓRICOS ESTUDADOS	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

APRESENTAÇÃO

Este Ebook apresenta os trabalhos desenvolvidos na disciplina **Formação docente e identidade profissional de professores de Ciências Naturais e Matemática**, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Minas Gerais.

A referida disciplina teve como objetivos conhecer as principais vertentes teóricas sobre a identidade e identidade profissional docente. Para isso, buscou:

- ✓ Conhecer algumas perspectivas de estudo da identidade;
- ✓ Compreender a construção histórica da profissão docente o campo da formação de professores no Brasil como elementos fundamentais para a identidade docente;
- ✓ Compreender a identidade profissional docente como um processo em construção;
- ✓ Conhecer a legislação que ampara a formação de professores no Brasil; e
- ✓ Analisar criticamente o momento histórico contemporâneo no que diz respeito ao fortalecimento da identidade docente.

Os trabalhos produzidos na disciplina tiveram como ponto de partida a confecção de um memorial de formação, considerando que a maioria dos estudantes da disciplina são docentes das áreas de Ciências Naturais e Matemática na Educação Básica. Aqueles que não atuam como professores foram convidados a realizar uma entrevista com algum docente destas áreas, buscando elementos referentes à construção da sua trajetória pessoal e acadêmico-profissional.

Os memoriais foram objeto de análise a partir de diferentes perspectivas teóricas, quais sejam: professor reflexivo, saberes docentes, identidades performativas e representações sociais. Neste Ebook são apresentados o processo e os produtos destas análises.

Atenciosamente,

Luciana Resende Allain e Adriana Assis Ferreira

Docentes da disciplina Formação docente e identidade profissional de professores de
Ciências Naturais e Matemática - PPGECMAT/UFVJM

CAPÍTULO 1

O MEMORIAL DE FORMAÇÃO E A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE

O que é um memorial?

O Memorial se constitui em um instrumento em que o/a estudante apresenta uma **reflexão** sobre sua vida escolar e acadêmica, analisando sobretudo suas experiências docentes, com base em sua trajetória pedagógico-social.

No Memorial, o/a aluno/a deve apresentar sua trajetória selecionando momentos ou fases principais, respeitando ou não sua cronologia. Esses momentos ou fases devem ser *analisados criticamente*, ou seja, desconstruídos, reconstruídos e relacionados ao contexto atual do/a estudante.

O Memorial **não é** apenas uma descrição da "memória" que possuímos em relação às nossas experiências escolares. Por estar envolvido na área da Educação, devemos mostrar a capacidade de realizar uma "reflexão distanciada" dos fatos que compõem nossa trajetória, fazendo do Memorial um instrumento de análise crítica do ensino, em particular das disciplinas de Ciências Naturais e Matemática.

Por que o memorial é importante para estudar identidade?

Quando um sujeito organiza suas ideias para contar sua história ele 'revive' os momentos vividos de forma reflexiva, o que promove um momento de (re)construção de um processo histórico. Ao 'ouvir' a si mesmo, o sujeito tem a oportunidade de teorizar sobre sua própria experiência, reconstruindo a compreensão que ele tem de si mesmo.

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (CUNHA, 1997, s.n.).

A memória, revivendo o passado no presente, com o olhar do presente, trabalha na “ordenação e na releitura dos resquícios do passado, o que se consolida numa construção narrativa do passado e, conseqüentemente, da identidade” (SOUZA, 2014, p.108).

Isso porque o que narramos não são rememorações despretensiosas ou aleatórias. A memória “promove uma revisão autocrítica que interfere na maneira como o indivíduo se percebe, como se mostra aos demais e como se deixa perceber, ou seja, a memória influencia na forma de identificação do sujeito” (SOUZA, 2014, p.111).

Os estudantes da disciplina tiveram acesso ao roteiro¹ a seguir, para a elaboração do seu memorial.

Construa seu memorial, em forma de texto, observando as sugestões descritas nos eixos a seguir. Lembre-se de que a escrita de um texto deste gênero é uma narrativa sua, do seu modo de ser, de pensar e de escrever sobre si, que será respeitada pelo leitor. O seu memorial será composto de suas recordações, suas lembranças de sucesso e insucesso, alegrias e tristezas, sentimentos, interpretações e reflexões sobre os acontecimentos em sua vida pessoal, familiar, escolarização, profissão e todo o processo de “tornar-se professor”. Você tem toda a liberdade para extrapolar ao que está solicitado nesta proposta de elaboração do memorial, afinal, é uma escrita sua! Para iniciar, coloque seu nome onde fará a escrita e, ao lado, como você gostaria de ser identificado.

Eixo 1: Trajetória de Vida Pessoal e Familiar- Quem sou eu? Qual é meu nome, idade, local onde nasci e onde vivo atualmente? Onde e como passei minha infância? Quem são meus pais? Qual a profissão e a escolaridade dos mesmos? O que almejam para meu futuro e como foi a criação dos filhos (minha e de meus irmãos)?

Eixo 2: Trajetória de Escolaridade - Como foram meus estudos? Onde iniciei meus estudos? Quais minhas primeiras impressões? Quais os professores, os colegas, a escola, os livros e as histórias que tenho na lembrança? Lembro-me de quais fatos interessantes e como os interpreto, ou seja, os sentimentos, vivências e experiências? Como foi o Ensino Fundamental e Ensino Médio, meu aproveitamento, as disciplinas que tive maior dificuldade e facilidade? Quais os motivos que me levaram a cursar no Ensino Superior um curso de Licenciatura ou um curso que me habilitasse a ser professor? Qual foi a influência da graduação na minha formação para a docência?

Eixo 3: Imagem e perfil da docência- Quem é o professor na sociedade atual? Por que escolhi ser professor? Que percepções tenho da profissão docente na atualidade? Que imagens de professores marcam minhas lembranças e de que forma

¹ Roteiro de um memorial de formação. Adaptado de ROCHA, S. A. (2012). Os memoriais como potenciais reflexivos na/da formação docente: a importância dos roteiros para a escrita dos memoriais de formação. IN: XVI ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino). UNICAMP, Campinas, 2012.

me projetam para a escolha da profissão de professor? Quais as causas de minha opção pela docência? Por que escolhi Matemática, Química, Física, Biologia, Ciências (ou outra disciplina se for o caso)? Houve algum professor marcante em minha trajetória?

Eixo 4: Aprendizagens da docência e Identidade Profissional - Estou empregado? Quais dificuldades enfrento enquanto professor de Matemática, Química, Física, Biologia, Ciências (ou outra disciplina se for o caso)? Que conteúdos e conhecimentos do Ensino Superior percebo me auxiliarem na docência? Quais foram minhas conquistas até agora? Quais as diferenças do professor que iniciou seu trabalho na escola e o professor atual após “x” anos de experiência? Que conhecimentos conquistei, adquiri na prática e como eles modificaram outros que eu já possuía? Como foram minhas experiências com meus colegas de profissão na escola? O que espero ainda no tocante ao processo de “tornar-me professor”. O que a experiência prática tem me ensinado nesta caminhada?

Depois de elaborarem os próprios memoriais, os mestrandos puderam conhecer alguns referenciais do campo da educação que se dedicam aos estudos da identidade docente. Os mestrandos produziram um resumo esquemático de cada um dos seguintes referenciais:

- ✓ Saberes docentes (TARDIF, 2002)
- ✓ Professor reflexivo (SCHÖN, 1995)
- ✓ Representações sociais (ABRIC, 1998)
- ✓ Identidades performativas (GEE, 2000)

A partir do estudo destes referenciais, os mestrandos foram convidados a examinar seus próprios memoriais, identificando neles elementos analíticos dos referenciais supracitados.

Uma pequena mostra do resultado deste esforço analítico será apresentada mais adiante.

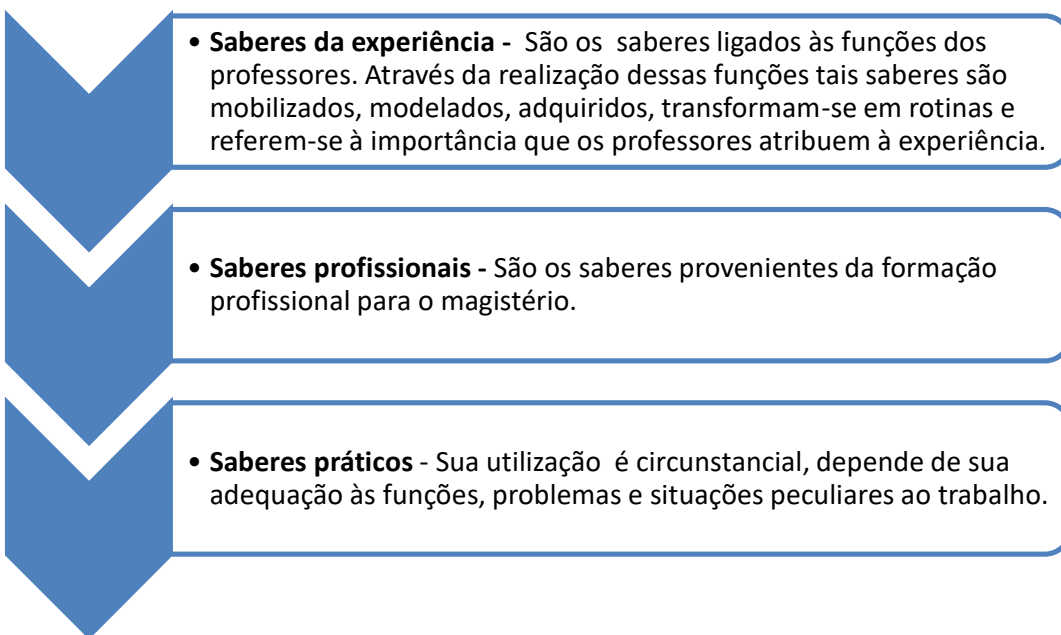
CAPÍTULO 2

REFERENCIAIS TEÓRICOS PARA O ESTUDO DA FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE

Neste tópico apresentamos os resumos esquemáticos dos referenciais teóricos sobre identidade produzidos pelos mestrandos.

Saberes docentes – Definição e Tipologias

- Os saberes docentes são os saberes profissionais dos professores, e podem ser plurais, compósitos (composto por diversidades), heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados. São saberes provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de naturezas diferentes. A seguir apresentamos três tipos de saberes docentes (saberes da experiência, saberes profissionais e saberes práticos) e em seguida as características dos mesmos.




- **Saberes da experiência** - São os saberes ligados às funções dos professores. Através da realização dessas funções tais saberes são mobilizados, modelados, adquiridos, transformam-se em rotinas e referem-se à importância que os professores atribuem à experiência.


- **Saberes profissionais** - São os saberes provenientes da formação profissional para o magistério.

- **Saberes práticos** - Sua utilização é circunstancial, depende de sua adequação às funções, problemas e situações peculiares ao trabalho.


Saberes docentes – Definição e características




- **Saberes interativos** - São os saberes mobilizados e modelados no âmbito de interações entre o professor e os outros atores educativos.




- **Saberes sincréticos/plurais** - referem-se a um saber-fazer que é mobilizado em contextos variados e contingentes da prática profissional.




- **Saberes heterogêneos** - são os conhecimentos e formas de saber-fazer diferentes, adquiridos a partir de fontes diversas, em lugares variados, em momentos diferentes: provenientes da história de vida, carreira, experiências de trabalho etc.



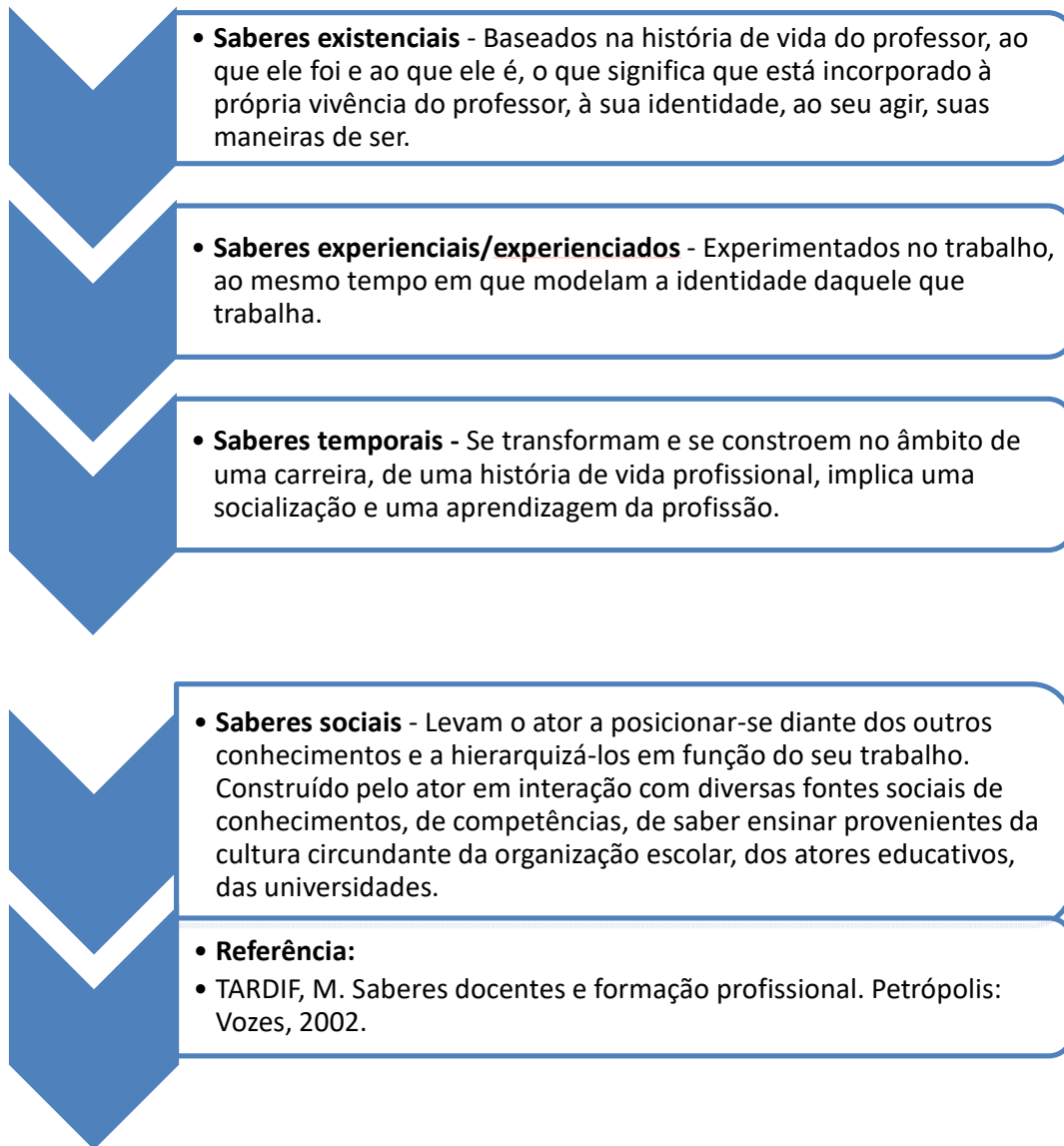
- **Saberes não analíticos (complexos)** – são saberes que impregnam tanto os comportamentos do ator, suas regras e seus hábitos, quanto sua consciência discursiva.



- **Saberes permeáveis** - são saberes que integram experiências novas, conhecimentos adquiridos ao longo do caminho e um saber-fazer que se remodela em função das mudanças na prática, nas situações de trabalho.




- **Saberes personalizados** – são aqueles que trazem a marca do trabalhador, aproximando-se assim do conhecimento do artista ou artesão.



Professor Reflexivo - Definição

- Donald Schon (1995) propõe que a construção do conhecimento profissional se dá no fazer, através de uma prática reflexiva. Ao transpor esta definição para a profissão docente, assume-se que o professor enfrenta desafios para os quais não há soluções prontas. Para tanto, o professor busca sempre questionar a sua prática, por meio de três movimentos, descritos a seguir:



- **Reflexão na Ação** - aciona saberes interiorizados, adquiridos através da experiência e da atividade intelectual e mobilizados de forma inconsciente e mecânica nas ações cotidianas do professor.

- **A Reflexão sobre a ação** - é uma ferramenta de desenvolvimento experiencial do profissional, pois é no contato com a situação prática que o professor adquire e constrói novas teorias. Portanto, refere-se a uma aprendizagem gerada na prática, no “calor” da situação.

- **A Reflexão sobre a reflexão** - Reflexão que emerge a partir de outras reflexões, de modo que a prática em sala de aula configura-se como um espaço privilegiado para uma integração de movimentos reflexivos.

Identities Performativas – definição e características

- Paul Gee (2000) oferece um referencial interessante para se pensar as identidades como performance. O autor analisa a identidade “com foco nas maneiras pelas quais as pessoas agem e se reconhecem em contextos específicos. Neste sentido, todas as pessoas tem múltiplas identidades, que estão conectadas não a seus “estados internos”, mas à sua performance na sociedade” (Gee, 2000, p. 99). De acordo com Gee, temos quatro maneiras de formular questões sobre o modo como a identidade age em uma pessoa específica num dado contexto ou em um cenário que englobe diferentes realidades:

Identidade natureza: Um estado	Desenvolvido de	forças	Da Natureza
Identidade Instituição: Uma posição	Autorizada por	autoridades	Dentro das instituições
Identidade-Discurso: um traço individual	reconhecido	No discurso/diálogo	De/com outros indivíduos
Identidade-Afinidade: experiências	compartilhado	Na prática	De “grupos de afinidade”

Identidades Docentes Performativas (Allain, 2015) a partir de Gee (2000):

- Inspirada no conceito de identidade performativa de Gee, Allain (2015) utilizou este construto para a análise das identidades docentes. Para a autora, é possível reconhecer a performance das tipologias de Gee nas identidades deste grupo profissional.

Identidade-natureza

- Professores *nascem* com o dom da docência, com vocação, com talento *natural*.

identidade-instituição

- Para serem considerados professores, os indivíduos precisam ter uma formação específica oferecida por *instituições* reconhecidas, que lhe darão a *autorização* para lecionar.

Identidade-discurso

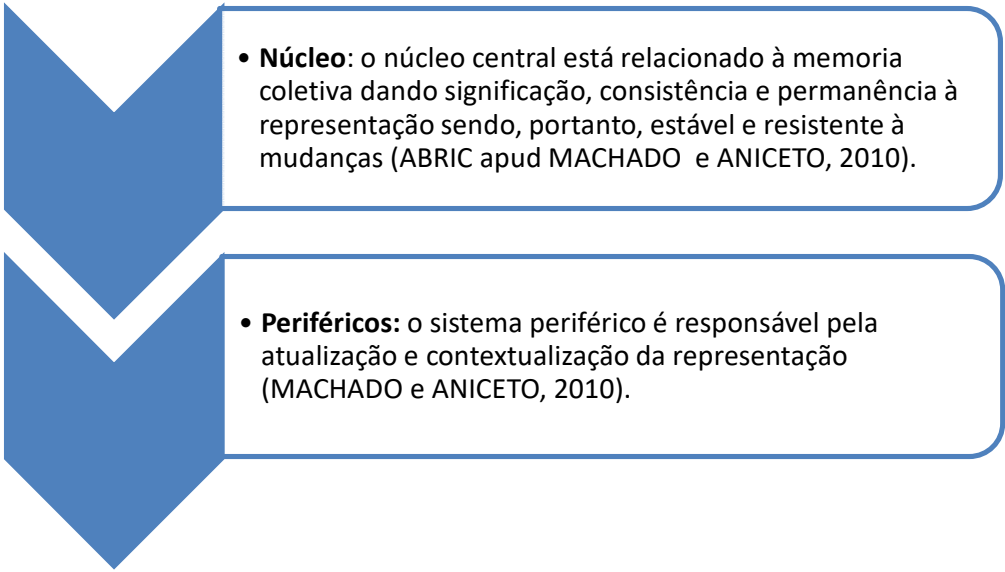
- Refere-se aos *traços individuais* que supostamente são *reconhecidos* como necessários para os professores: gostar de lidar com pessoas, ser comunicativo, gostar de explicar e assim por diante.

identidade-afinidade

- Professores defendem uma dada causa por meio da qual se *afiliam* e acabam se identificando com outros professores, com os quais *compartilham* tais práticas.

Representações Sociais - Definição

- A abordagem estrutural das representações sociais, desenvolvida por Jean Claude Abric e sua equipe da universidade de Aix-em-Provence, França, pressupõe a existência de uma estrutura nas representações sociais, elaborada por um grupo, segmento social ou comunidade, e que essa estrutura tem um núcleo central que se refere aos aspectos mais fixos e permanentes de uma representação, sendo mais resistente às mudanças. Além do núcleo central, há periferias próximas mais flexíveis mas que protegem o núcleo em relação às mudanças. E uma periferia distante do núcleo central, que pode representar o diferente, o novo ou que não é partilhado pela maioria (BERTONI e GALINKIN, 2017, P.116)

- 
- **Núcleo:** o núcleo central está relacionado à memória coletiva dando significação, consistência e permanência à representação sendo, portanto, estável e resistente à mudanças (ABRIC apud MACHADO e ANICETO, 2010).

- **Periféricos:** o sistema periférico é responsável pela atualização e contextualização da representação (MACHADO e ANICETO, 2010).

CAPÍTULO 3

REPRESENTAÇÕES DOS MESTRANDOS SOBRE A PROFISSÃO DOCENTE

Depois de conhecerem diferentes perspectivas teóricas que se debruçam sobre a identidade docente, os mestrandos, na maioria professores atuantes, foram convidados a selecionar imagens, acompanhadas de frases curtas que traduzissem as representações deles sobre a docência.

Seguem alguns exemplos:

Figura 1: A distância entre teoria e prática



Fonte: <http://professorescg.blogspot.com/2017/02/ser-professora-no-brasil-um-desabafo.html>

Os professores são vistos como multifuncionais: somos vistos como psicólogos, assistentes sociais, e às vezes até como pais e mães, o que faz com que a sociedade se esqueça que professores são pessoas normais, que tem medos, anseios, vontades, dentre outras coisas.

Figura 2: #Somos normais



Fonte: www.gerarmemes.com.br

Figura 3: Professor: A base de todas as profissões



Fonte: <https://nogueirarosi.wordpress.com/2014/10/30/como-e-ser-professor-hoje-2/>

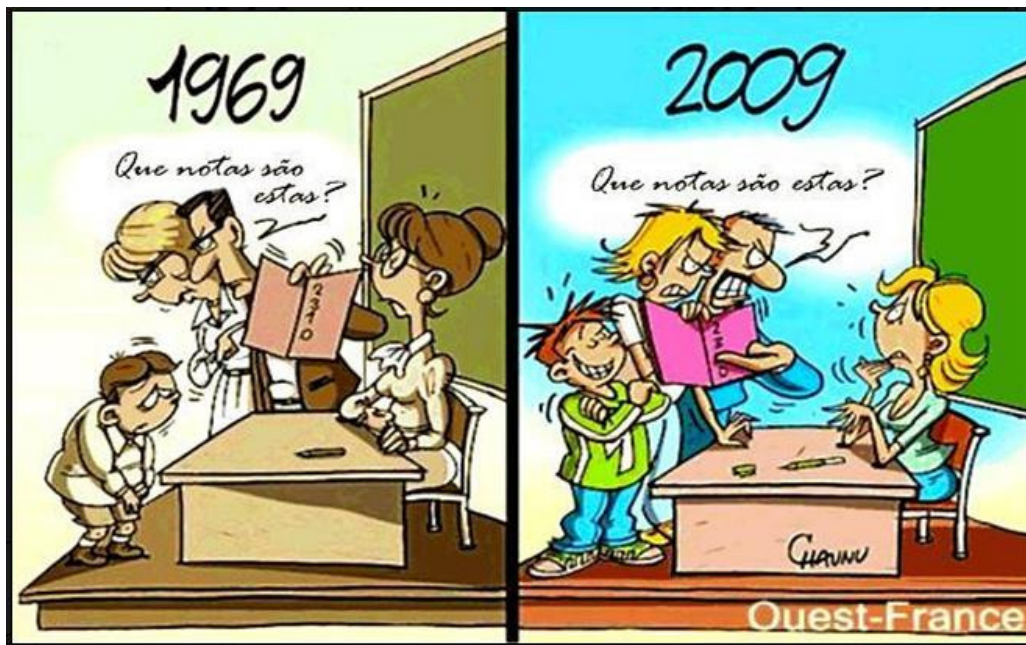
No Brasil umas das profissões mais desvalorizadas é a do professor. Baixos salários, carga horária extensa, precarização do ensino. São fatores que a cada dia vem desmotivando ainda mais esses profissionais. Diante de tanta falta de perspectiva, o que ainda os mantém firmes no propósito de ensinar? Quanto tempo resistir a tanta desvalorização?

Figura 4: Desvalorização do professor



Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/2016/10/14/desrespeito-cansaco-e-desvalorizacao-o-que-ainda-faz-um-profes_a_21699400/

Figura 5: A autoridade do professor, antes e atualmente



FONTE: <http://infoabelavista.blogspot.com/2013/06/posicao-do-professor-em-relacao.html>

Figura 6: Vigiar e punir OU Como lidar com as tecnologias na sala de aula?



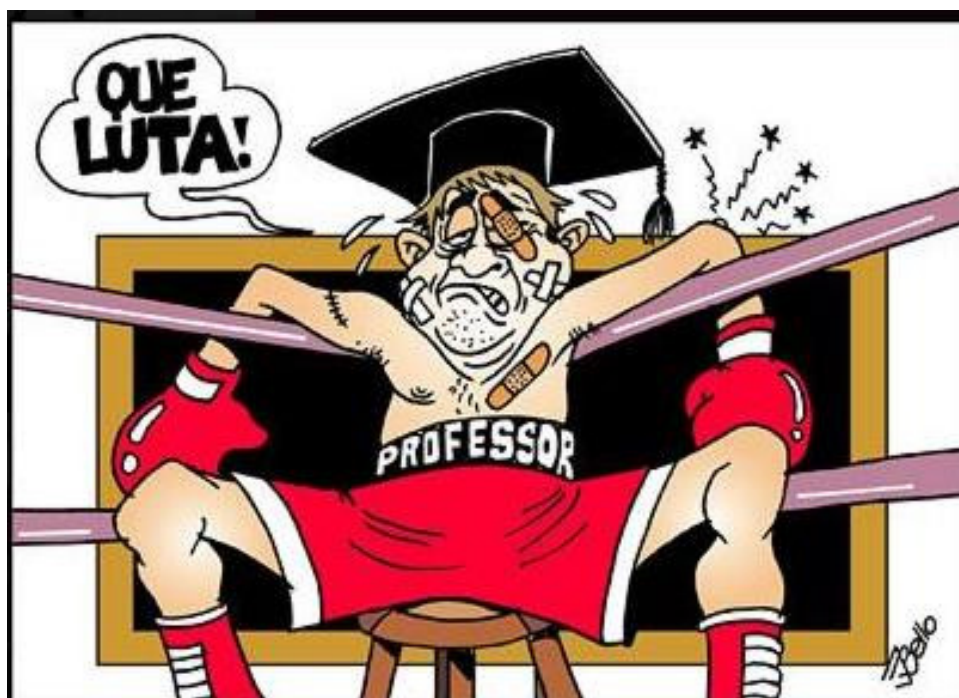
Fonte: <http://blogdoaftm.com.br/charge-enquanto-isso-na-sala-de-aula/>

Figura 7: O mito do professor como detentor da verdade absoluta



Fonte: <https://i.pinimg.com/originals/57/50/16/575016e33b444062071e202c757b181f.jpg>
pg

Figura 8: Quanto vale um professor?



FONTE: Estadão DISPONÍVEL EM: <http://canaldirec28.blogspot.com/2012/07/quanto-vale-um-professor.html>

Figura 9: Qual é o partido da Escola Sem Partido?



Fonte: <http://papodelas.com.br/escola-sem-partido-da-passo-importante-na-proibicao-de-genero/> visualizado em 18/09/2019

Esta seção mostrou que os mestrandos têm representações que relacionam o professor a uma profissão nobre e importante, mas pouco valorizada, tanto socialmente quanto em termos socioeconômicos. Revelou também traços sobre a autoridade do professor: do que ele representa como detentor do conhecimento, digno de respeito e admiração, assim como da forma que gostaria de ser representado (uma pessoa normal). Apontou os desafios sob os quais os professores estão submetidos atualmente: lidar com o controle do seu trabalho e com as novas tecnologias, com as cobranças pelo desempenho dos alunos e com a perda da sua autonomia em sala de aula.

No próximo tópico traremos na íntegra o memorial da Profa. Rosina Rabelo Nuzzi Ribeiro, entrevistada por uma das mestrandas que não tinha experiência como docente. No decorrer da disciplina a Profa. Rosina foi convidada para compartilhar suas experiências em uma roda de conversa com os mestrandos. Sua rica história pessoal e profissional motivou os mestrandos a lançar um olhar investigativo sobre o texto do memorial da Profa. Rosina. Desta forma, de

posse do arcabouço teórico dos quatro referenciais de estudo da identidade abordados na disciplina, os mestrandos, em grupos, fizeram algumas análises deste memorial.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DE UM MEMORIAL A PARTIR DOS MARCOS TEÓRICOS ESTUDADOS

A seguir apresentamos o memorial da Profa. Rosina com alguns destaques (em negrito) a partir do exercício analítico feito pelos mestrandos (em itálico)

Memorial de Formação Docente

Entrevistadora: Boa noite Prof^a. Rosina. Preciso realizar um trabalho, um memorial sobre a trajetória docente. Como não possuo experiência docente, apenas formação, desejo verificar a sua disponibilidade para ser meu objeto de estudo.

(...)

Podemos começar com seu nome completo, idade, data de nascimento, naturalidade, sua trajetória profissional e atual situação.

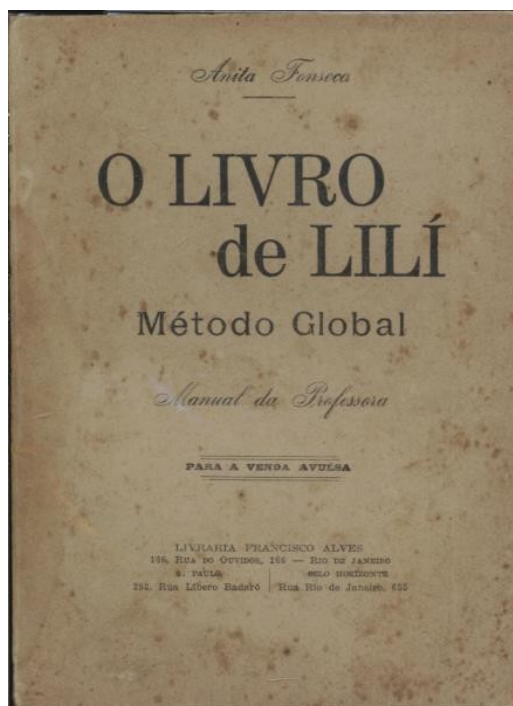
Rosina: Meu nome é Rosina Rabelo Nuzzi Ribeiro, estou com 65 anos de idade. Nasci em Montes Claros no dia 04/02/1954, no Hospital Santa Terezinha, que hoje não existe mais. Filha de Luggi Nuzzi e Sophia Rabelo Conceição Nuzzi. Ele era agricultor e ela professora de Educação Física.

Iniciei meus estudos no Colégio Berlaar Imaculada Conceição, com sete anos de idade. Na minha época creche era muito difícil. Em Montes Claros só existia uma creche, Jardim de Infância Artur Bernardes, que era localizado na Praça Portugal, no centro de Montes Claros, onde hoje é o Banco do Brasil. Mas os pais não eram obrigados a matricular os filhos na escola antes dos sete anos de idade. Por isso, eu entrei na escola com essa idade. Mas não aprendi nada, não me lembro de nada dessa época. Na verdade, não tinha maturidade pra ir pra escola, nem sabia o que eu tava indo fazer lá, de certo achava que tava indo comprar doce... não aprendi nada, não me lembro de nada, só da entrada da escola. Qualquer mudança é sempre um trauma pra criança, acho que foi isso, eu não me encontrei com o impacto da mudança. Hoje as crianças têm que aprender a ler e escrever com cinco anos de idade, isso é uma judiação com elas, não têm maturidade e vão cansar logo.

Repeti o primeiro ano com oito anos de idade. Aí sim, eu aprendi a ler. Era utilizado o método global² para ensinar a ler (Figura 10). Lembro-me até hoje do livro, da minha primeira lição: Eu me chamo Lili. Eu gosto de doce. Você gosta de doce? (Figura 11).

² Método global era uma forma de ensinar a ler tudo de uma vez. Não era por sílabas, era direto.

Figura 10: Capa do Livro da Lili – Método Global



Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/576854/>. Visitado em 07/09/2019 às 19:17.

Figura 11: 1ª lição do livro



Fonte: <http://corintoterraamada.blogspot.com/2014/03/o-livro-da-lili.html>. visitado 07/09/2019 às 19:08

Com nove anos, nossa família se mudou para Belo Horizonte (Figura 12). Então eu fiz um processo seletivo para uma vaga no Instituto Educacional – Escola Modelo. No Instituto era muito bacana, lembro de todos os detalhes, de todos os materiais, lembro de todo ambiente e também da merenda. Era pão com carne, marmelada, goiabada, eles tinham esse cuidado com a alimentação das crianças. Essa não era uma conduta nas escolas estaduais naquela época, que ofereciam para os alunos mingau de fubá, pastas que vinham dos Estados Unidos, queijos... os lanche nas escolas públicas eram doações, não existia verba para merenda naquele tempo .

Figura 12: Foto da família



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

A professora do Instituto Educacional, Nice Siffert Brum, era autora de livros, então ela estimulava muito a leitura e a escrita. **Lembro de uma redação que eu fiz nessa época com o título "Meu Futuro". Falava sobre o que eu queria ser no futuro, eu escrevi que eu gostaria de ser dentista, porque tinha uma tia que era dentista e tinha um consultório odontológico. Eu achava muito bacana, interessante. Rapidinho eu deixei esse desejo de lado, porque a minha mãe era professora de educação física, então comecei a me espelhar nela.**

Neste trecho é possível reconhecer a performance da identidade natureza de Gee (2000). Esta identidade se manifesta quando a professora dá a entender ser a docência um caminho “natural”, em função da profissão desempenhada pela mãe.

Ela foi diretora de escola na cidade chamada Coração de Jesus, mas o que me marcou foi a trajetória profissional dela em ser professora. Ela fez uma capacitação que a possibilitou trabalhar como inspetora na superintendência de ensino, onde ela aposentou-se.

Nessa Escola Modelo havia um espaço para cada área de ensino. Era a mesma professora, mas a turma se deslocava de uma sala para outra conforme a matéria a ser estudada: matemática na sala de matemática, português na sala de português. Os recursos didáticos eram excelentes, a maneira com que a gente aprendia era muita boa, participávamos de todo o aprendizado.

No ano seguinte voltamos para Montes Claros e eu fui estudar no Colégio Berlaar Imaculada Conceição (Figura 13). Lá foi onde estudei até formar no magistério (Figura 14).

Lembro de todas as minhas professoras: Irmã Dalva, Irmã Marilda, que foi a minha professora de matemática, a minha professora de biologia foi Irmã Leila, Irmã Rosita, minha professora de educação musical e artes [...] Irmã Afra foi minha professora no terceiro ano e Irmã Dalva foi minha professora no primeiro ano. Quarto ano primário Irmã Luizilda, que largou o hábito e casou com um parente meu, lá de Coração de Jesus. [...] O primeiro ano foi à tarde o terceiro e quarto ano foi de manhã.

Figura 13: Foto feita no Colégio Imaculada Conceição



Fonte:Arquivo pessoal da entrevistada.

Lembro dos castigos. Fiquei de castigo umas duas vezes. Os deveres iniciais eram: nome completo, nome da escola e a data. Acho que um dia eu só tinha feito um desses aí, então eu fiquei de castigo, lá na frente, em pé. Era Irmã Dalva, no Colégio Imaculada Conceição. Não tenho mágoa e nem nada, não marcou negativamente. Era o que era ensinado para gente naquela época,

era a conduta. Saí tão apta daqui que fui para Belo Horizonte e passei no Instituto de Educação - Escola Modelo.

Figura 14: Foto no desfile de 7 de setembro, a esquerda. Foto da turma do Colégio Imaculada Conceição



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Lembro de Paulo César, que futuramente seria o reitor da Unimontes, já exercendo a liderança no Colégio Imaculada: ele fazia uma fila com todos os alunos do colégio e após dividir a banana que levava de lanche, distribuía como se fosse a hóstia, para todos da fila.

Entrevistadora: Mas, antigamente o Colégio Imaculada não era apenas para mulheres?

Rosina: No Colégio Imaculada o primário era misto: eram meninos e meninas juntos. De quinto ano em diante [...] Nessa época tinha quinto ano, eu não peguei, excluíram isso.[...] Era primeira, segunda, terceira e quarta série ginásial, quando terminar o ginásio entrava no magistério.

Da primeira série ginásial até o magistério funcionava do lado direito, onde é o colégio hoje, e o primário funcionava onde hoje é a casa das Irmãs. Era chamado de “coleginho”, as crianças ficavam separadas.

Entrevistadora: Então, depois do primário os meninos começam a estudar no Colégio Marista São José?

Rosina: Isso. Lá também era o Científico. Na época que eu estudei, o Colégio Marista fez uma parceria com o Colégio Imaculada, convidando as meninas para estudar lá. Foi na minha época, no primeiro ano, foi quando tornou-se colégio unissex.

Arlen Santiago na época propôs uma formatura unificada, a partir daí os padres do Colégio Marista São José começaram a pensar em uma educação mista: “meninos e meninas juntos”. Isso é o que eu imagino, não tenho certeza.

Eu dei aula no Sesc, no Mobral (Figura 16). Isso logo quando eu formei. E trabalhava também no Banco Comercial. Deixei o banco quando casei porque não era trabalho para mulher casada, até mesmo pelo modo de vestir e manter os cabelos.

Figura 16: Professora do Mobral



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Entrevistadora: E como conciliar o casamento, filhos e continuar estudando, trabalhando?

Rosina: Eu casei em 1975. Minha filha mais velha, Grazi, nasceu em fevereiro de 1977. Ela também se tornou professora de matemática. O mais novo, Luigi, nasceu em 1980. Antes dele eu tive um aborto, era um menino. Depois disso, por questões de saúde, eu não pude engravidar mais. Tinha ajuda das avós para cuidar dos filhos e para eu conseguir trabalhar fora e continuar a estudar. Também sempre tive pessoas, meninas, que me ajudavam dentro de casa. Três moças moraram na minha casa, uma por vez. Elas faziam almoço, janta e brincavam com as crianças e cuidavam da casa. Teve uma delas que resolveu se tornar professora de matemática também e naquela época a faculdade era paga, e eu paguei a faculdade para ela concluir o curso de ensino superior em matemática. Hoje ela tem dois cargos no Estado como professora de matemática.

Para entrar na faculdade eu fiz vestibular. Primeiro fiz para Ciências Sociais e não gostei daquilo de jeito nenhum, não era pra mim. No próximo vestibular eu fiz para matemática, era o que tinha na época na FAFIL – Faculdade de

Filosofia. No primeiro ano eu sentada na frente da sala o professor Gil percebeu que eu não dava conta de fazer nada, não tava aprendendo nada. Então ele me falou para desistir. Mas eu perguntei para ele o que eu precisava fazer para acompanhar. Ele me disse para estudar a coleção inteira de Ary Quintela.

Assim eu fiz. Eu dava aula no Sesc e lá tinha essa coleção, levei para casa e estudei tudo, como ele tinha falado. No final daquele ano eu tinha passado. **Então meus professores começaram a me pedir para substituí-los nas aulas. Quando eles não podiam dar aula pediam que eu fosse dar aula no lugar deles. Eu comecei a trabalhar como professora de matemática assim, sem ganhar um real, não ganhava nem uma bala doce. Comecei a dar aula no ensino básico, no lugar dos meus professores da faculdade.**

Este trecho pode ser analisado sob a perspectiva dos saberes docentes (TARDIF, 2002). A professora afirma que foi se constituindo como docente na prática, por meio da experiência. Desta forma também foi forjando os saberes necessários para ensinar.

Eu dava aula na Escola Estadual Professora Dulce Sarmento, na escola Professor Plínio Ribeiro - Escola Normal. Depois eu fui lá colocar meus papéis na Escola Normal. Antes era assim que funcionava, se a diretora da escola fosse com a sua cara existia vaga para você, senão, você tinha que procurar em outro lugar. Dona Ruth Tolentino era diretora de recursos humanos e Sonia de Quadros era diretora da escola. Como elas gostavam muito de mim, fui contratada para dar aula na Escola Normal. Naquela época não existia currículo, não existia nada.

Comecei nessa época então a trabalhar na Escola Normal como professora de matemática. Foi o primeiro lugar que eu trabalhei como professora de matemática mesmo. Ministrei aula para quinta série, oitava série e terceiro ano científico, tudo isso logo no primeiro ano que eu fui dar aula. Aí eu fiquei pronta né?! Porque eu tive que estudar tudo.

Neste trecho destaca-se os saberes necessários ao exercício da docência, com destaque para os saberes disciplinares. Para ensinar é preciso dominar o conteúdo, além das formas de transmiti-lo (TARDIF, 2002)

Mas nesse interstício aí para trás eu dei aula não só para o Mobral, mas também de educação artística. Porque eu formei no Conservatório, como professora de educação artística. Eu conciliava o magistério com o curso de educação artística no Conservatório Lourenzo Fernandez, educação musical, nível ensino médio profissionalizante (Figura 17).

Nessa época as escolas que existiam eram: a Escola Normal, Dulce Sarmento, o anexo do Dulce Sarmento do município de Montes Claros, Colégio Tiradentes (que era forte). O Colégio Imaculada e o São José que eram privados. As demais escolas eram de ensino fundamental. Além dessas escolas também existia a Escola Estadual Professor Alcides Carvalho "Polivalente". Também fui professora nessa escola. Fiz concurso para lá e

depois eu exonerei, com tudo que aconteceu eu não quis ficar lá não. Não dava conta. Tive problema lá.

Figura 17: Momentos registrados no Conservatório



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Fiz concurso para o Polivalente em 1978 (Figura 18). Fui para lá, mas tive um problema: era uma escola de professores muito politizados, sabe? Ela surgiu de um concurso público, que era uma escola de tempo integral, um concurso diferenciado, um salário diferenciado. Aí veio um governo, que eu não me lembro qual era, misturou tudo, tirou tudo isso que os professores tinham conseguido lá, esse diferencial. Acabou com tempo integral e tornou-se uma escola como qualquer outra. Antes ela oferecia curso de marceneiro, técnicas agrícolas. [...] **O aluno ia para lá e tinha aula na horta, na marcenaria, na contabilidade, aula do lar: tinha uma casa montada na escola para ensinar como cuidava de um bebê, como arrumar uma cama, arrumar uma casa, coar um café... era uma coisa do outro mundo, uma coisa maravilhosa. Era formação integral para alunos do ensino fundamental.**

Neste trecho estão destacadas as representações sociais (ABRIC, 1988) da professora sobre uma boa formação na educação básica: a formação para a vida, com a definição clara dos papéis sociais ocupados por homens e mulheres.

Mas acabou com tudo isso, pegou os professores e jogou na rede pública como outros quaisquer. E o povo muito politizado. E começou aquele negócio de “Diretas Já” e nós ‘botamos’ na cabeça que: ‘nós temos que eleger o nosso diretor, que nós não aceitamos diretor que o governador ou deputado mandava’. Quem dirigia as escolas era a indicação dos deputados majoritários, tudo imposição política. E nós no meio da democracia querendo eleger nosso diretor: ‘Se nós elegemos nosso presidente, podemos eleger

nosso diretor!'. Calcula a cabeça nossa. Fizemos uma greve doida. Fomos processados até o último fio do cabelo. Inventaram tudo quanto é calúnia em cima da gente. Eu tenho todo o processo aqui (Figura 19). Aí veio uma sindicância aí, fomos enquadrados como vândalos... tudo quanto é trem que você pensar.

Figura 18: Publicação dos aprovados em Concurso Público.

INSCRIÇÃO	NOME DO CANDIDATO	DRE	DRE 2	DRE 3
00107	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00108	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00109	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00110	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00111	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00112	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00113	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00114	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00115	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00116	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00117	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00118	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00119	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00120	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00121	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00122	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00123	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00124	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00125	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00126	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00127	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00128	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00129	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00130	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00131	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00132	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00133	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00134	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00135	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00136	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00137	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00138	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00139	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00140	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00141	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00142	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00143	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00144	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00145	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00146	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00147	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00148	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00149	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00150	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00151	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00152	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00153	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00154	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00155	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00156	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00157	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00158	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00159	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00160	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00161	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00162	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00163	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00164	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00165	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00166	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00167	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00168	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00169	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00170	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00171	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00172	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00173	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00174	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00175	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00176	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00177	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00178	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00179	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00180	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00181	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00182	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00183	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00184	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00185	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00186	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00187	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00188	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00189	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00190	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00191	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00192	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00193	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00194	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00195	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00196	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00197	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00198	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00199	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	
00200	ALCIDES DE CARVALHO	41,5	48,4	

Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Figura 19: Sindicância da E.E. Prof. Alcides de Carvalho

SECRETARIA DE ESTADO DE RECURSOS HUMANOS E ADMINISTRAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA CENTRAL DE CORREÇÃO ADMINISTRATIVA

PORTARIA Nº 010/98

O Corregedor da Secretaria de Estado de Recursos Humanos e Administração, no uso de suas atribuições e de conformidade com o Decreto nº 28.136, de 31 de maio de 1988, resolve, no uso de suas atribuições, designar a Sra. SÉBILA MARIA DE MELO, Msp, 254.941 e ROBERTO MARCIO DE OLIVEIRA, Msp, 42.753, para efetuar uma sindicância visando apurar os fatos ocorridos na EE "Professor Alcides de Carvalho", da jurisdição da 12ª DRD-Montes Claros.

Superintendência Central de Correção Administrativa, aos 30 de janeiro de 1998.

Bel. Marcos Roberto Nasser Starling
CORREGEDOR

PORTARIA Nº 010/98

A TRIBUNA DE JUSTIÇA DE MONTES CLAROS, no uso de suas atribuições, resolve, no uso de suas atribuições, designar a Sra. SÉBILA MARIA DE MELO, Msp, 254.941 e ROBERTO MARCIO DE OLIVEIRA, Msp, 42.753, para efetuar uma sindicância visando apurar os fatos ocorridos na EE "Professor Alcides de Carvalho", da jurisdição da 12ª DRD-Montes Claros.

Superintendência Central de Correção Administrativa, aos 30 de janeiro de 1998.

Bel. Marcos Roberto Nasser Starling
CORREGEDOR

Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Fizeram montagem, colagem de coisa que a gente não tinha feito (Figura 20). Aí, o que quê aconteceu? **Eu exercia uma liderança enorme. Reuníamos**

aqui em casa. Fomos atrás de Bispo, na arquidiocese, pedir para ajudar a gente. Fomos ao prefeito, nas autoridades e entidades tudo de Montes Claros. Nós não tínhamos culpa, nós só queríamos escolher um diretor já que escolhíamos nosso presidente. Aquele sonho de democracia, votar no diretor, ânsia de querer as coisas com mais transparência.

Uma das características mais importantes do professor reflexivo, objeto de crítica de Pimenta e Ghedin (2002), é o fato de que os movimentos reflexivos: reflexão sobre a ação e sobre a reflexão na ação não devem ocorrer de modo solitário, a despeito de desconsiderar o aspecto coletivo da luta política da categoria docente como uma classe trabalhadora. Desta forma, este trecho destaca a reflexão coletiva presente no movimento do professor reflexivo proposto por Schön (1995) e revisado por Pimenta e Ghedin (2002)

Figura 20: Jornais com matérias sobre o ocorrido na Escola Polivalente



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Eles pegaram e mandaram uma diretora, imposta. O pessoal da escola pediu para eu ir conversar com ela, para ela não tomar posse, que não era contra ela, é porque nós não aceitávamos o processo, o sistema. Fui lá e falei com

ela: Olha, nós não temos nada contra você, mas não toma posse, porque senão você vai ser rejeitada. Pronto, pois ela tomou posse. Aí nós fomos protestar, fomos para Superintendência. Entramos de um lado e saímos do outro, com todos os alunos da escola, foram todos os alunos acompanhando a gente, menino você sabe né?! Menino não tem freio, a gente mesmo não fez nada, mas talvez esses meninos esbarraram, derrubaram alguma coisa... armário, e eles (funcionários da Superintendência) não gostaram. **Colocamos carro de som na rua para conscientizar a população que tava tendo injustiça. Não teve acordo. Procuramos todas as autoridades dentro de Montes Claros para nos defender, mas nada, não teve acordo. Aí eu fui atrás de Carlos Pereira, que era o deputado que tinha colocado a diretora lá. Fizemos uma reunião com ele. A primeira coisa que ele virou para mim e perguntou foi: Você é mulher de quem? Eu falei: Sou Rosina, professora do Polivalente. Clima terrível, eu era mulher. Aí pelejamos, pelejamos e nada.**

Novamente aparece aqui a representação social (ABRIC, 1988) em torno da mulher: um apêndice do marido. Revela também o movimento corajoso da professora ao confrontar o status quo.

Então fomos atrás de Milton Cruz, que ajudou na criação da universidade sendo um dos responsáveis pelo projeto que tornou a Unimontes estadual, em Belo Horizonte, para ele me ajudar a falar com o governador. Fui só, eu estava sozinha para tentar conversar com o governador. Pois o homem não me recebia de jeito nenhum. Só não fiz greve de fome. Na hora do almoço, eu descia e almoçava. Na hora do café, eu descia e tomava meu café. E o pessoal passava para lá e para cá e falava 'menina, ele não vai te receber, deixa de ser besta'. Ele me recebeu pelo cansaço. Quando eu entrei, ele falou: Que quê é, menina, que você quer? Eu falei: Estou querendo que o senhor resolva o problema da Escola Polivalente... Ele não perguntou nem o que quê era. Eu falei: Porque nós fomos processados... Ele não queria nem saber: 'Como é? Como é mesmo?'. Ele rasgou um pedaço de papel, igual um louco, daquelas pastas abertas que colocava em cima da mesa, numa folha grandona escreveu "Retiro professor" (Figura 21). Dobrei, coloquei dentro do sutiã, no primeiro xerox eu tirei vinte cópias, se eu perdesse uma ficava com dezenove mais a original. Aí tinha que ir para imprensa, maior sufoco.

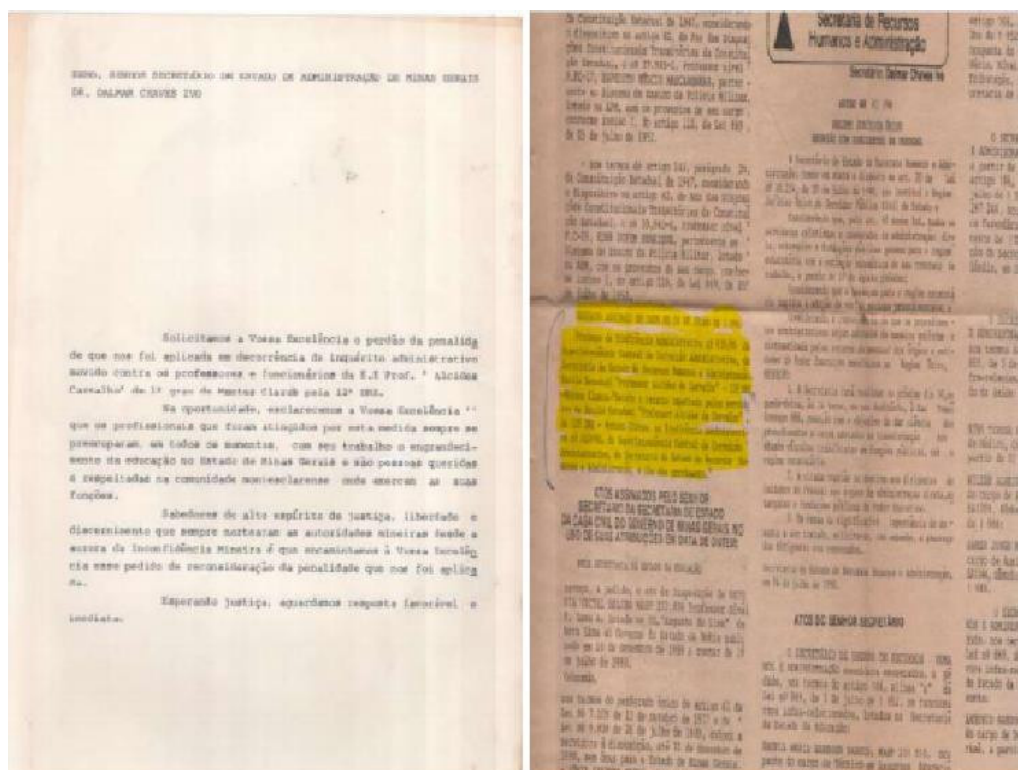
Ele disse que eu tinha que ir para Secretaria de Planejamento, procurar o secretário e fazer por escrito um pedido de perdão, pedindo a ele "pelo amor de Deus" que retirasse as punições. O secretário acolheu porque o governador tinha se posicionado, só que não era suficiente. Eu tive que assinar por todos os cinquenta e quatro citados no processo, todos os meus colegas, pedindo perdão (Figura 22). Assim foi. O secretário acolheu, publicou no Diário Oficial (Figura 23). E eu vim embora com Diário Oficial [...] Fui para porta da imprensa esperar o Diário Oficial ser publicado. Na hora que saiu a publicação, eu comprei a passagem e vim embora. Nunca mais nós poderíamos fazer concurso público, seis meses sem receber salário, uma série de punições. Revogou tudo!

Figura 21: Escritos do governador.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Figura 22: Carta com pedidos de desculpas/Figura 23: Diário Oficial.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Depois disso tudo, me ofereceram para ser diretora do Polivalente. Mandaram me chamar no escondidinho, me oferecendo o cargo de diretora, na Superintendência, depois que todos os funcionários já tinham ido embora. Fátima Pereira, superintendente de ensino naquela época, era ligada ao deputado Carlos Pereira. Eu respondi: só vou ser diretora se eu for eleita. Sabe o que eles fizeram? Providenciaram minha remoção naquela mesma noite. No outro dia de manhã, quando cheguei na Escola Polivalente para dar aula, fui retida na portaria com a informação de que eu não era mais professora de lá: “Você foi removida para Escola Normal.” A Escola Normal foi uma estratégia por ser uma escola grande, ‘então essa mulher numa escola grande com vários professores não irá se destacar, não vai fazer nada.’ Então eu fiquei com dois cargos na Escola Normal. Eu exonerei de um. Logo estadualizou a Unimontes e eu continuei com dois cargos no Estado.

Entrevistadora: E como foi ingresso na Unimontes?

Rosina: Na Unimontes no início ingressava por currículo. Era encaminhado para o Conselho Estadual de Educação, em Belo Horizonte, que enviava para o MEC analisar e depois publicava no Diário Oficial do Estado. Tinha carteira assinada como professora titular das disciplinas que eu tinha pleiteado (Figura 24). Eu havia formado em 1977 como professora de matemática (Figura 25). Em 1º de agosto de 1979 eu ingressei na Unimontes, com carteira assinada. (Figura 26).

Figura 24: Designação como Professora da Unimontes



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Figura 25: Diploma de Licenciatura em Matemática.

foi 1993, ele foi anulado porque não houve divulgação, havia ficado restrito aos professores da Fundação e deveria ter sido aberto à comunidade em geral. No início eles pegaram a nossa carteira de trabalho e bateram um carimbo. Mas a Constituição não permite, então foi necessário fazer um segundo concurso. Abriam outro concurso, onde fomos aprovados.

Em 1994 já não existia mais o curso de licenciatura em matemática. Existia o curso de Ciências. Por força de lei foi extinto o curso de matemática, para atender uma demanda, uma carência de professores de química, física, biologia e matemática. Então foi criado um curso de licenciatura curta em ciências, com três anos era licenciado para trabalhar no ensino fundamental com matemática e ciências, assim atendendo a demanda da época. Depois se fazia uma complementação de mais dois anos de biologia, física, química ou matemática. Porém, a Unimontes oferecia apenas biologia e matemática. E nessa época pagava apenas a matrícula, hoje não se paga mais.

Entrevistadora: Como é sua visão do ensino de antes com o atual?

Rosina: Hoje as crianças começam a ler e escrever com cinco a seis anos de idade, eu não concordo com isso, elas não tem maturidade para isso. Eles vão cansar. Elas precisam ser crianças, e eles estão impondo isso. Falo isso pela minha vivência quando criança e pela experiência profissional.

Novamente aqui destaca-se os saberes da experiência profissional (TARDIF, 2002)

Eram 180 dias letivos, a criança tinha espaço para outras atividades que não fosse só escola, hoje são 220 dias letivos. É muita coisa. A vida da criança é só escola, escola, escola... Eu acho que vai ter uma hora que alguém vai parar. É preciso alguém para fazer alguma coisa, algum estudo, uma intervenção.

Entrevistadora: Qual sua atual situação profissional?

Rosina: Eu me preparei para aposentar. Porque eu tinha que completar dez anos recebendo um percentual chamado Avaliação de Desempenho, que complementava o salário. Porque nós não recebemos reajuste salarial, tivemos só gratificação. E essa Avaliação de Desempenho, se recebida por dez anos, vinculava uma porcentagem ao salário. Então, eu trabalhei na Unimontes de 1979 a 2019, faltaram poucos meses para completar quarenta anos. É muita coisa! Eu podia ter saído, mas quando eu fui sair, aconteceu isso, então eu falei: 'não, eu vou esperar!'.

Completei os dez anos em janeiro, mas eu fiquei sem saber o que fazer exatamente. Mas como teve uma greve e o calendário foi emendando, emendando... até que teve um recesso em fevereiro e retornaria em março. Final de janeiro de 2019 terminava o calendário de 2018 desse curso que eu

tava trabalhando. Com o recesso em fevereiro, as aulas voltariam em março, então eu resolvi não voltar para iniciar uma turma que não iria terminar.

O que eu fiz? A partir de setembro de 2018 eu fui retirando meu material, que eu trabalhava, de dentro de um armário que tinha dentro da Unimontes. Como eu trabalhava com uma disciplina de Formação de Professores, eu tinha muito livro didático, material concreto... Eu fui tirando e final de janeiro eu já não tinha mais nada dentro do armário. Em março eu pedi um mês de férias prêmio para me organizar melhor. No dia que as férias de abril terminaram eu entrei com o pedido de aposentadoria, que saiu dia dezessete de maio.

Em 1997 eu já tinha me aposentado no ensino básico, na Escola Normal. Eu já tinha saído do Sesc, que era particular. Exonerei o cargo que era do Polivalente. Fiquei na Escola Normal e Unimontes até 1997. Aposentei na Escola Normal e fiquei só na Unimontes. Mas isso tudo tendo uma vida social também, com a família (Figura 27).

Figura 27: Prêmios Sociais com a família



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Fui diretora de centro do CCET – Centro de Ciência Exatas e Tecnológicas da Unimontes por dois mandatos (Figura 28). Quando saí deixei uma rosa branca para o novo diretor de centro. Continuei como professora do departamento, entendendo que eu não tinha nada pessoal lá. Eu não tinha gaveta, cadeira... cadeira que é minha é a que tenho na minha casa. O que a gente usa no serviço público de manhã, tarde e noite será usado por outra pessoa.

Figura 28: Candidatura à Diretora do CCET – Unimontes (1999 e 2003)



O Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas - C.C.E.T., graças ao processo democrático, nasceu numa época de completa mudança, comprometimento na conquista de espaço, de liberdade, criatividade e formas amplas de trabalho de CONSCIÊNCIA, incluindo profissionais qualificados que procuram a harmonia de todos os setores da vida académica, capazes de atuarem com dignidade na realidade social. É um grande momento histórico, de coragem e atitude! Contamos com você!

O CCET é um!

Esse texto não tem a pretensão de apresentar uma proposta de trabalho inflexível. Na verdade, estamos apresentando algumas metas que julgamos ser as de principal atenção, no atual momento, para que se cumpram os objetivos do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. Tais metas têm como ponto de partida mesmo ideias que circulam e que devem passar pelo debate democrático na expectativa de crítica, interpretação e avaliação. Pretendo, junto com vocês, incorporar ao que já foi feito no CCET, renovar ideias e ações. O que se apresenta é um grande desafio. O desafio da tarefa, da participação, do compromisso, da transformação, da melhoria das condições de trabalho, da qualidade de vida dos profissionais do CCET e, principalmente o desafio da construção e consolidação permanente de um fazer cotidiano. Estas propostas não são novas nem sequer completamente acatadas. Sabemos das limitações estruturais. Nova é a forma de luta. Estamos dizendo NÃO à luta individual e vertical. Abraçarmos, SEM, a luta coletiva e consciente de suas aspirações. Esperamos, perseverantes e constantes com a colaboração de todos para viabilizar nossa proposta de trabalho e sua efetiva realização.

METAS

1. PROMOVER AÇÕES DE APOIO À PARTICIPAÇÃO DE DOCENTES EM CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO "STRICTO-SENSU", NAS ÁREAS QUE ATENDAM AS NECESSIDADES EXISTENTES, EM CONSONÂNCIA COM OS PROJETOS DE CAPACITAÇÃO DA D.R.H. DA UNIMONTES;
2. VIABILIZAÇÃO DE ESTÁGIOS REMUNERADOS PARA ALUNOS QUE DELES NECESSITEM;
3. ASSEGURAR A PERMANÊNCIA DOS ALUNOS NOS CURSOS, GARANTINDO-LHES O ALCANCE DAS MUITAS EXPECTATIVAS QUE TÊM, CONSOLIDANDO, DESTA FORMA, A APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO PARA O EXERCÍCIO CONSCIENTE DA CIDADANIA;
4. PRESTAR AMPLA ASSISTÊNCIA AOS PROFESSORES DOS DEPARTAMENTOS DO CCET PARA, EM CONJUNTO COM A PRO-



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Entrevistadora: É possível fazer um comparativo com o professor de antes e atualmente?

Rosina: Existia a valorização do professor, do ser humano, da pessoa. Se o administrador faz um cartãozinho para a pessoa, faz uma festa junina e convida, repito, CONVIDA, não é convocar como acontece hoje, a pessoa se sente valorizada e vai porque gosta, porque vai ser bom. Não pode ser da forma que está, está tudo impositivo. Fora o salário do professor que não é convidativo. Ele tem que fazer outras coisas para complementar.

E existia um respeito. Respeito da gente com o diretor, com os alunos. E dos alunos com os professores. Era o respeito mútuo. Hoje o salário atrasa, é parcelado. Existia um amor maior, existia dedicação. Conhecia o aluno pelo nome, tinha consideração com o menino. Não é que não existe o respeito hoje. Ele existe, mas não com amor. Hoje ele existe por imposição, por obrigação. E do aluno com o professor é a mesma coisa, a bola que vai ela volta. Não existe empatia. Você não se coloca no lugar da pessoa para saber o que ela está sentindo. Reciprocidade, não volta.

Ainda existem professores que pensam como eu penso. Nós professores éramos chamados de "tio", então tinha uma aproximação naquela época. Pela dificuldade que os professores vivem, como questões socioeconômicas, ele já chega cansado, desanimado. E do outro lado, os pais e os alunos, também passam pelos mesmos problemas. Com a globalização as pessoas conseguiram perceber as diferenças. E é necessário investir na estrutura da escola, na capacitação dos professores. Como o professor vai melhorar sua condição, aprender mais se ele se ausentar da sala de aula para estudar se ele tem o salário reduzido ou tem que repor essas horas? Não há incentivo.

Representações sociais (ABRIC, 1988) sobre a docência no passado e atualmente: profissão pouco valorizada pelo governo e pela sociedade. Ausência de respeito, desânimo, cansaço fazem parte da vida dos professores atualmente.

Entrevistadora: Algo mais a acrescentar?

Rosina: Fiz uma especialização. Participei como coordenadora do PROCAP e da OBMEP. Recebi algumas homenagens e prêmios nessa trajetória. Todos eles representam o reconhecimento do meu trabalho nesses anos. E vários extensivos à minha mãe (emoção da entrevistada). (Figuras 29 a 32)

Fig. 29: Medalha da Inconfidência/Medalha Helena Antipoff



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

Fig. 30 – Homenagem do Reitor da Unimontes, Paulo César, à Profa. Rosina



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

Fig. 31 - Última turma do ensino básico/Madrinha de turma de Matemática.



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

Fig. 32 – Participação no PROCAP



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

Fig. 33 – Homenagens diversas





Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

Fig. 34 - Certificado de Especialização / Certificado OBMEP



Fonte: arquivo pessoal da entrevistada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da disciplina **Formação docente e identidade profissional de professores de Ciências Naturais e Matemática**, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologia da UFVJM foi apresentar aos mestrandos alguns referenciais teóricos que se debruçam sobre a identidade docente, tendo como foco de análise sua própria trajetória de construção da identidade profissional, no processo de “tornarem-se” professores. Para os mestrandos, a experiência de escreverem sobre si mesmos e posteriormente lançarem um olhar analítico sobre sua própria escrita foi um dos pontos altos da disciplina, tendo em vista que o necessário exercício de pensar em categorias analíticas é uma tarefa fundamental em qualquer pesquisa acadêmica. Além disso, a disciplina também cumpriu o papel de esclarecer que há várias análises possíveis a serem lançadas para um mesmo objeto, destacando a importância de se ter clareza sobre qual é referencial ou o marco teórico a ser utilizado em uma pesquisa. A leitura e análise coletiva do memorial da profa. Rosina foi muito importante nestes processos, pois permitiu vários olhares sob os quais pode-se construir uma análise. Para além de um exercício analítico, a disciplina também cumpriu o papel de trazer reflexões sobre o que significa ser professor para cada um de nós, contribuindo para uma consciência coletiva sobre a construção de nossa identidade profissional.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P; OLIVEIRA, D. C. de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: Ed. AB, 1998.

ALLAIN, L. R. Mapeando a identidade profissional de licenciandos em ciências biológicas: um estudo ator-rede a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Tese. **Doutorado em Educação**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG. 2015

ALLAIN, L. R.; COUTINHO, F. A. Identidade docente enquanto performatividade: um estudo entre licenciandos em biologia inspirado na teoria ator-rede. **Pro-Posições** [online]. 2018, vol.29, n.3 [citado 2020-04-23], pp.359-382. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072018000300359&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1980-6248.

BERTONI, L. M.; GALINKIN, A. L. **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação**: concepções e trajetórias. Editus Editora. 2017.

CUNHA, M.I. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação** [online]. 1997, vol.23, n.1-2 [citado 2019-11-28], pp.-. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0102-2555. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>.

GEE, J.P. Identity as an analytic lens for research in education. **Review of Research in Education**, v.25, p. 99-125, January 2000.

MACHADO, L. B.; ANICETO, R. de A. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 345-363, abr./jun. 2010.

PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

ROCHA, S. A. Os memoriais como potenciais reflexivos na/da formação docente: a importância dos roteiros para a escrita dos memoriais de formação. IN: **XVI ENDIPE** (Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino). UNICAMP, Campinas, 2012.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SOUZA, M.J. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, vol. 16, nº 1, 2014.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.